



CINEMAGOING E EXIBIÇÕES PÚBLICAS DE FILMES NO INTERIOR DE MINAS GERAIS A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS E DE SOCIABILIDADES NOS VILAREJOS DE MOGOL (MG) E SÃO JOSÉ DOS LOPES (MG)

*CINEMAGOING AND PUBLIC FILM SCREENINGS IN THE INTERIOR OF MINAS GERAIS: THE CONSTRUCTION OF MEMORIES
AND SOCIABILITIES IN THE VILLAGES OF MOGOL (MG) AND SÃO JOSÉ DOS LOPES (MG)*

MARIANA FERRAZ MUSSE¹

JOÃO GABRIEL XAVIER MARQUES²

1. Docente da ESPM/RJ e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Economia Criativa, Estratégia e Inovação (PPGECEI/ESPM), além de produtora audiovisual. Possui Pós-doutorado em Ciências Sociais (UERJ), é Doutora em Comunicação pela Universitat Pompeu Fabra (Espanha), Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Mestre em Documentário e Sociedade pela ESCAC (Escuela Superior de Cinema y Audiovisuales de Cataluña) e Graduada em Comunicação pela UFJF. ORCID <https://orcid.org/0009-0003-2743-7683>.

2. Doutorando em Comunicação pela UFJF. Mestre e Graduado em Comunicação pela mesma instituição. Membro do grupo Comunicação, Cidade e Memória (CONCIME/UFJF). Participa também do projeto de pesquisa "A experiência da ida ao cinema: subjetividade, memória e comunicação" (FACOM/UFJF). ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7329-8720>.

RESUMO O presente trabalho visita a recente história das exibições de cinema em duas comunidades no interior do estado de Minas Gerais. São José dos Lopes e Mogol são distritos da cidade de Lima Duarte (MG), local onde realizamos a pesquisa de campo para desenvolver este artigo. Estabelecemos, por meio dos relatos, uma breve linha do tempo dos eventos e exibições relacionadas ao audiovisual nestes vilarejos, e investigamos a relação dos habitantes destas comunidades com a experiência cinematográfica. Refletimos sobre a experiência do indivíduo com o espaço de exibição do filme, pensando como ele pode influenciar a recepção do conteúdo a partir de memórias, histórias, afetos além de outros elementos que compõem a experiência para além da projeção do filme. Utilizaremos a corrente do New Cinema History que investiga a história do cinema como parte da cultura social criada com o vínculo entre frequentador, espaço cinematográfico e filme, tendo todas essas peças conectadas em uma única experiência, iniciada pelo hábito da ida ao cinema — *cinemagoing*. Realizamos entrevistas com nove pessoas, de moradores a produtores culturais envolvidos de diversas formas nas exibições, para tal lançamos não da metodologia da História Oral, representada em nossa bibliografia por Verena Alberti e Paul Thompson.

PALAVRAS-CHAVE Exibição pública de filmes; *cinemagoing*; sociabilidade; entrevista; história oral.

ABSTRACT This paper explores the recent history of film screenings in two rural communities in the state of Minas Gerais, Brazil. São José dos Lopes and Mogol are districts of the city of Lima Duarte (MG), we conducted field research for the development of this article. Based on collected data, we established a brief timeline of events and audiovisual exhibitions in these villages and investigated the relationship between the inhabitants of these communities and the cinematic experience. We reflect on the individual's experience with the film exhibition space, considering how this environment may influence the reception of the content through memories, stories, affections, and other elements that go beyond the act of film projection itself. We draw on the "New Cinema History" approach, which examines the history of cinema as a social experience shaped by connections between audience, cinema space, and film, conceived as interconnected elements of a single experience initiated by the habit of going to the cinema (*cinemagoing*). The empirical research was conducted through interviews with nine participants, including residents and cultural producers involved in different ways with local film exhibitions. For the collection and analysis of these accounts, we adopted the methodology of Oral History, as developed by Verena Alberti and Paul Thompson.

KEYWORDS Public film exhibition; *cinemagoing*; sociability; interview; oral history.

INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas, observamos uma grande transformação nas formas de consumo das produções audiovisuais. A popularização das plataformas de *streaming*, o conteúdo sob demanda, as múltiplas telas e a visualização de peças audiovisuais por smartphones revolucionaram tanto a indústria criativa — em uma corrida por produções inéditas e lançamentos recorrentes — como a recepção destes conteúdos, a qual ganhou novas configurações e desdobramentos. O consumo do vídeo durante deslocamentos, em telas menores, com diversas interrupções e com outras e/ou novas formas de interação entre pessoas em torno do conteúdo são alguns exemplos da atual dinâmica desse tipo de contato entre espectador e produto.

Neste contexto do mundo hiperconectado, dominado por imagens e novas formas de sociabilidade, despertou-nos a curiosidade algumas iniciativas referentes ao audiovisual que estão acontecendo no interior de Minas Gerais. Há alguns anos — justamente no período do acesso ilimitado à internet e aos dispositivos móveis — algumas comunidades no entorno do Parque Estadual do Ibitipoca (MG) estavam investindo em sessões de cinema gratuitas e em locais públicos para a população local. Houve, nas últimas duas décadas, uma série de iniciativas com financiamento público e/ou privado para fomentar exposições de filmes e atividades de capacitação em produção audiovisual para moradores de vilarejos no entorno da cidade de Lima Duarte (MG).

Observando essas iniciativas decidimos investigar junto aos moradores de dois distritos — São José dos Lopes e Mogol — o impacto das atividades relacionadas ao audiovisual nestas comunidades, no que concerne às experiências individuais e coletivas com o cinema. Procuramos entender como estes eventos funcionam na dinâmica da vida da população destes vilarejos, a relação deles com o consumo de produções audiovisuais sob a ótica da tecnologia, a construção de memórias individuais e coletivas a partir do contato com as sessões cinematográficas e os aspectos de sociabilidade envolvidos no processo das exposições gratuitas e públicas de filmes. Foram realizadas nove entrevistas com moradores e produtores culturais, que serviram para fornecer informações sobre a história dos eventos com exposições públicas de filmes na região. Além disso, foram-nos narradas memórias relacionadas às experiências individuais sobre essas sessões e o impacto delas na vida das comunidades.

MEMÓRIA E IDA AO CINEMA

Partindo do pressuposto de que nossa intenção é investigar a relação do espectador com suas memórias formadas por idas ao cinema e a sociabilidade envolvida neste ato, abordaremos a ideia de estudar o cinema pelo ponto de vista da audiência e do hábito de se frequentar espaços de exibição — termo conhecido como “*cinemagoing*”, que, em nosso país, é também aceito sobre a alcunha de “ida ao cinema”.

Embora, nosso foco, neste texto, esteja mais próximo da variedade individual da memória e dos relatos independentes de diferentes pessoas, é impossível separar completamente as lembranças de um indivíduo daquelas de sua comunidade ou grupo, como observa Michael Pollak (1992) em sua reflexão a partir da obra de Maurice Halbwachs. Ao entrarmos em conformidade com o preceito de que as memórias individual e coletiva são indissociáveis, enxergamos como a experiência individual de cada membro de um grupo é impactada pelo ambiente que vive e pelas ações de seus companheiros.

No caso em que investigamos, o contato com exibições cinematográficas é um evento em comum entre as pessoas ouvidas. Assim, as lembranças distintas de cada espectador se unem em um coletivo, por conta das experiências compartilhadas.

CINEMA PELO FOCO DO PÚBLICO – A SOCIABILIDADE DAS EXIBIÇÕES CINEMATOGRAFICAS

A sociabilidade envolvida nas exibições públicas de filmes é uma razão plausível para se entender a permanência das salas de cinema na contemporaneidade, quando o consumo de filmes pode ser feito em casa com um simples apertar de botão nos celulares e controle remoto. De maneira esperada, o interesse econômico e de utilidade em estabelecimentos que promovem o consumo de filmes decai, com o avanço da tecnologia e acesso a novas formas de consumo, mais cômodas – tal qual o celular. Assim, cinemas de rua perderam a parcela de sua identidade voltada ao propósito inicial do espaço, se tornando locais não exibidores, mesmo que consigam ter sua estrutura física preservada (Souza, 2013).

Kevin Corbett (1998) enxerga que a resiliência das salas de cinema pode resultar não apenas de esforços da indústria cinematográfica em manter sua audiência, mas no potencial de sociabilidade que aqueles que frequentam esses espaços obtêm. “Sabemos pouco sobre o público do cinema e como funciona a ligação entre o ato de assistir filmes com seu dia-a-dia, quão simbolicamente importante era este ato em suas vidas, ou como isso contribuiu para formar, manter e transformar seus relacionamentos interpessoais” (Corbett, 1998, p. 34).

Segundo Talitha Ferraz (2017), estruturas físicas, como salas de cinema, possuem potencial de simbolizar diversas histórias e experiências, bem como motivar movimentos populares que se opõem ao fechamento desses espaços. Em suas pesquisas a autora relaciona, por exemplo, expressões como “saudade” e “reverberações de universos afetivos” como recursos utilizados pelas audiências para “suscitarem discursos, legitimarem ações e justificarem o ativismo” (Ferraz, 2017, p. 17). Neste sentido, a autora mostra a valorização dos eventos já vividos em locais de exhibições cinematográficas e como estes podem estar ligados a um apego que ultrapassa a ideia de apenas assistir a um filme.

É válido notar que os prédios de cinemas de rua mais antigos, independente de ainda funcionarem ou não (e a despeito das atividades-fim às quais foram destinados com o tempo), quando não sucumbem à demolição ou a descaracterizações muito agressivas, permanecem em pé como construções e/ou dispositivos midiáticos que, com efeito, serão sempre capazes de oferecer algum tipo de acesso ao passado; inscrevem-se nas superfícies das urbes como marcos espaciais, pontos de conforto e reconhecimento identitário e âncoras lançadas em meio às constantes reconfigurações de práticas simbólicas e hábitos ligados ao consumo de imagens, tecnologias, mídias nas cidades (Ferraz, 2017. p. 4).

Dessa forma, poderíamos sugerir a possibilidade desses apegos e expressões de saudade — que existem pela interação entre memória e a experiência de ida ao cinema — motivarem a organização de exhibições que emulam o consumo fílmico externo, longe das mídias modernas e caseiras atuais, televisão, celular ou streaming. A experiência se situa além do consumo do conteúdo fílmico em si, ao conectar condições físicas das salas de cinema com o encantamento dos filmes, que proporcionaram “fugas da vida cotidiana” por meio da viagem para “outros tempos e espaços” como aponta Freire (2015, p. 13).

A experiência só estará completa se levarmos em conta sensações táteis providas por poltronas e carpetes, além da percepção visual — escurecimento gradual da visão ao adentrar a sala. Em adição à dimensão física/sensorial

da memória, soma-se o afeto de tais experiências, que culmina no que é definido como “memória da sala de cinema” pela pesquisadora Thalita Ferraz (2024).

Nesse sentido, torna-se premente refletirmos sobre essas memórias da experiência em salas antigas como propulsoras de interesse em reviver tais sensações, mesmo em novos espaços. Igualmente, discutirmos como esse conjunto de sentimentos/sensações ligadas ao consumo de filme coletivo e fora de casa se instala mesmo em indivíduos que nunca visitaram uma sala de cinema antes.

O interesse de pesquisadores em analisar os fenômenos sociais e históricos que revolvem o consumo fílmico deram origem a uma nova corrente de estudo da história do cinema, a New Cinema History.³ Esse termo passou a significar uma mudança para longe de trabalhos que apenas analisavam o conteúdo dos filmes, considerando sua circulação e consumo, examinando o cinema como um local de troca social e cultural (Maltby, 2011).

O novo campo se denomina como “a nova” história do cinema não de forma a substituir a antiga, mas a complementar seus registros com óticas inéditas sobre diferentes períodos percorridos pela sétima arte.

O novo campo se denomina como “a nova” história do cinema não de forma a substituir a antiga, mas a complementar seus registros com óticas inéditas sobre diferentes períodos percorridos pela sétima arte. Ao nos atentarmos para esse outro olhar quando estudamos fenômenos como os que detalhamos neste artigo, percebemos que a resiliência das salas de exibição perante as novas formas de consumo fílmico — muitas das quais são acessíveis no conforto de casa — pode estar conectada ao anseio por convívio social e ao reconhecimento de espaços conhecidos por comunidades, incorporados na geografia de suas localidades.

As salas de cinema se tornaram corriqueiras pelo mundo. Mesmo em cidades do interior, próximo à igreja, à praça e seu coreto, ficava o infalível cineminha local. Suas fachadas típicas — com elementos característicos como as marquises, letreiros, bilheterias, cartazes — se incorporaram à paisagem urbana, assim como à vida dos moradores. Eram símbolos do moderno, mesmo que desconfortáveis e precários. O ‘escurinho do cinema’ tornou-se um espaço não só de encontro com os filmes — e os sonhos, fantasias, descobertas e reflexões que eles provocavam —, como dos espectadores entre si. A poucos passos das calçadas, as salas de cinema eram um espaço privilegiado de sociabilidade (Freire, 2015, p.13).

3. A New Cinema History (Nova História do Cinema) é uma abordagem acadêmica que propõe novas interpretações da história do cinema. Busca ampliar os objetos de estudo, descentralizando filmes e seus criadores como partes mais importantes da trajetória da sétima arte e considerando outros fatores e contextos que envolvem a produção cinematográfica e seus desdobramentos, como por exemplo, a audiência.

Percebemos uma característica marcante no que separa o cinema consumido na rua, coletivamente, daquele que existe disponível em casa: o fato de que em uma sala de cinema, temos acesso a uma experiência coletiva dividida por todos que ali se encontram — desde a compra do ingresso ao lugar inesperado onde iremos nos sentar —, somando-se a um momento individual — o ato do consumo fílmico, que interpreta as imagens que chegam e a história que é apresentada de maneira única, por seu conjunto, também único de ideias e pensamentos que o torna, ora, individual.

A ida ao cinema está há muito incorporada nas atividades comuns da vida cotidiana. De acordo com os cinéfilos mais velhos, as principais razões recorrentes para escolherem o cinema como forma de lazer no passado foram o seu caráter barato, a oferta de entretenimento social e o fato de ser muitas vezes a única forma de lazer disponível, o que precedeu qualquer consideração sobre os filmes que o público realmente viu (Vijver, 2019, p. 381).

A ida ao cinema mostra uma soma complexa de fatores, na qual sugerimos que a própria peça audiovisual que é exibida não se configura como o fator principal dessa experiência. A simples vontade de se divertir e conviver com outras pessoas é um motivador que pode ser maior do que o filme em cartaz para se ir ao cinema. Ainda assim, também propomos a divisão entre o momento individual de cada espectador com o produto audiovisual que ali consome e a interação coletiva entre os presentes nos momentos que englobam a experiência, antes, durante e depois da exibição.

Vemos que o caráter complementar do coletivo e do individual que envolvem os conceitos que discutimos nesta seção resultam em uma relação também complementar entre memória e ida ao cinema. No caso do trabalho proposto, as lembranças individuais de cada indivíduo que reconta sua relação com as exibições cinematográficas em seu povoado, invariavelmente também faz parte de uma coletividade que envolve outras memórias, distintas, mas semelhantes, comuns ao conjunto de indivíduos que estava em cada ocasião e presenciou o espetáculo.

Cada uma dessas lembranças, por sua vez, é composta de partes que envolvem coletividade, bem como de momentos de individualidade.

A New Cinema History apresentou uma nova forma de estudo da história dos cinemas, ligada diretamente ao indivíduo espectador e a grupos formados por ele. O que abre portas para novas abordagens acadêmicas. Alessandra Brum (2021) destaca a mudança de paradigma na pesquisa historiográfica do cinema em relação aos territórios, metodologias e sobretudo às novas fontes de informação utilizadas para este fim.

[...] fica cada vez mais evidente que esses novos objetos fazem com que os pesquisadores se utilizem de uma ampla gama de fontes documentais, que não se limitam ao filme ou ao livro, como por exemplo, diários de filmagem, roteiros, crítica cinematográfica, correspondências, jornais e revistas, entrevistas, plantas arquitetônicas, em um processo contínuo de descobertas de novas fontes (Brum, 2021, p. 144).

A sociabilidade da experiência de ida ao cinema como foco de investigações abriu, assim, portas para diálogos com metodologias que consideram o contato entre pesquisador e indivíduos que se relacionam com seus objetos de estudo, como a História Oral, que utilizamos no presente trabalho. Segundo Thompson (1992), tal método privilegia depoimentos obtidos de fontes não oficiais, através do recolhimento e preservação de testemunhos individuais. Consideramos adequado, segundo essa definição, o uso da metodologia em questão para ouvir as vozes que ilustram o presente texto. “A história oral pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras” (Thompson, 1992).

Para Verena Alberti (2004), a história oral é capaz de aprimorar os registros oficiais. De forma complementar, os depoimentos enriquecem o que já está escrito, provendo visões alternativas a fatos históricos.

[...] há nela uma vivacidade, um tom especial, característico de documentos pessoais. É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes (Alberti, 2004, p. 14).

Diante do abordado, observamos que existe uma proximidade natural com o conceito de memória. É pertinente ressaltar que não há nenhuma sugestão de superioridade hierárquica entre os tipos de história definidos, consideramos interessante seu fator complementar.

Nos depoimentos recolhidos para este trabalho teremos contato com lembranças afetivas únicas de cada entrevistado, que, ainda assim, compartilharam de experiências comuns ao longo das exposições de filmes no interior de Minas Gerais. Assim, nota-se a complementaridade, também, das memórias individuais e coletivas.

CINEMA E ARTE NO INTERIOR DE MINAS GERAIS

Dois distritos de Lima Duarte (MG), Mogol e São José dos Lopes nos chamaram a atenção por serem pequenos vilarejos no interior de Minas Gerais que estiveram — cada um à sua maneira — envolvidos assiduamente com atividades relacionadas ao setor audiovisual nos últimos anos. Através de diferentes iniciativas que contemplaram desde exibição de filmes, oficinas, editais de incentivo à produção cinematográfica, e até a construção de uma sala de exibição no vilarejo de Mogol, o cinema esteve e está presente na vida dessas comunidades.

Ambos os distritos se localizam no entorno do Parque Estadual do Ibitipoca, conhecido internacionalmente por suas atrações naturais. O distrito mais conhecido da região é o de Conceição de Ibitipoca, por onde se tem acesso à entrada do parque. Seu entorno ganhou reconhecimento, investimento e muita espaço na mídia, quando o empresário Renato Machado iniciou o que hoje é nomeado de Ibiti Projeto.⁴

É inegável que foi por meio de iniciativas diretas ou indiretas, como veremos ao longo do texto, que os vilarejos de São José dos Lopes e Mogol obtiveram investimento financeiro para o desenvolvimento de atividades relacionadas ao setor cultural e audiovisual. São José dos Lopes fica a 14 quilômetros de carro de Lima Duarte (MG); já Mogol está a 19 quilômetros da cidade. A estrada que leva aos vilarejos está sendo calçada atualmente, mas em alguns trechos a estrada ainda é em terra batida, o que, por muito tempo, tornou o acesso a essas localidades mais limitado em relação a circulação de carros e pessoas.

O distrito de Mogol conta com 22 moradores e hoje está inserido nas iniciativas do Ibiti Projeto. No local, é oferecido o serviço de hospedagem “Village”, e, segundo o site do empreendimento: “O Conceito Village é voltado para aqueles que querem experienciar a vida em uma comunidade do interior, como o Mogol: uma charmosa vila habitada por apenas 22 moradores” (Ibiti, 2024). Há alguns anos o lugarejo estava sendo deixado por grande parte das famílias que viviam ali por falta de estrutura (comércio, escola, serviços de saúde, emprego) e que estavam se mudando para

4. O projeto começou oferecendo serviços ligados à hotelaria de luxo e foi se expandindo para outros setores e serviços como a área de projetos ambientais, hospedagem (incluindo hospedagens remotas), gastronomia, experiências, além de projetos educativos.

idades maiores em busca de outras oportunidades para suas vidas. O Ibiti Projeto, então, comprou parte da casa de moradores e as transformou em locais para a hospedagem, transformando o lugarejo não só em local para hospedagem como um local que abriga uma escola, restaurante e uma casa com um café, onde há exposições culturais, além de abrigar uma sala de cinema que foi construída ali.

Em 2021, foi inaugurado o “Cine Mazzaropi”, uma sala de cinema com 24 lugares que pode ser frequentada por hóspedes do Ibiti Projeto e pela comunidade do Mogol. Neste cinema são organizados eventos para os moradores e para hóspedes que podem escolher filmes de um catálogo que conta com produções audiovisuais realizadas na região, além de filmes nacionais e estrangeiros.

Em 2022, o Ibiti Projeto criou a iniciativa Café e Cinema com a Comuna que percorreu oito vilarejos do interior de Minas Gerais — que nunca tiveram salas de cinema — promovendo sessões itinerantes e a exibição de filmes produzidos na região da Serra do Ibitipoca (MG). O projeto segue ocorrendo em vilarejos e comunidades da Serra. As exposições acontecem em diferentes locais, desde ambientes externos como praças até em locais fechados como associação de moradores, por exemplo. A produção destes eventos fica a cargo da produtora cultural e moradora da região Maíra Delgado, que nos explicou, em entrevista, que em geral são contratados dos próprios moradores dos locais alimentos utilizados para o café, e o Ibiti Projeto arca com a estrutura para a exibição dos filmes como o som, projetor e, se for o caso, a estrutura de cadeiras, entre outros. Em geral, nessas sessões, são exibidas produções realizadas na região visando a valorização da cultura, dos saberes, das histórias e das experiências locais retratadas nessas produções.

Grande parte das produções cinematográficas exibidas neste evento, e disponíveis também para serem assistidas no Cine Mazzaropi, foram realizadas a partir de um edital de financiamento de filmes lançado em 2019, pelo Ibiti Projeto. Por intermédio dele, foram selecionados dez projetos que receberam um valor em dinheiro, além de hospedagem e alimentação, para desenvolverem seus roteiros na região. As filmagens ocorreram entre 2020 e 2021. Estes filmes poderiam ser de animação, ficção ou documentário, mas deveriam retratar a região da Serra do Ibitipoca. Organizou-se uma curadoria para a escolha dos projetos que receberam o incentivo e, em 2022, houve o lançamento dos filmes e uma premiação que ocorreu no Mogol com a presença dos realizadores e dos curadores dos projetos.

Figura 1. Imagem aérea de Mogol.
Fonte: IbitiProjeto.



São José dos Lopes, segundo dados do IBGE de 2010, conta com 602 habitantes. Neste local, está localizada a Casa do Sol, um grande estabelecimento que fica situado na rua principal do vilarejo e onde são desenvolvidas diversas atividades culturais nos “Lopes”, como se referem seus moradores ao distrito. A Casa do Sol sedia oficinas, eventos musicais, apresentações de teatro e filmes, além de ser a sede do projeto Linhas de Minas, coordenado por Letícia Fonseca, responsável por grande parte do investimento e da movimentação cultural e artística que ocorre, hoje, em São José dos Lopes.

Pelo que apuramos com os nossos entrevistados de São José dos Lopes, a primeira iniciativa com cinema no local ocorreu por meio de uma ONG, a Casa Arte e Vida, que funcionou por alguns anos em Lopes. Na ocasião, uma casa do vilarejo foi comprada e reformada para sediar a organização que desenvolvia diversas atividades educativas e culturais no local. Já as sessões de cinema organizadas pela ONG aconteciam em outro espaço, na casa onde está localizada a Associação de Moradores de São José dos Lopes. Lá foi construído um cinema (entendido aqui como um local com som e projetor de vídeo) por uma amiga do empresário Renato Machado, Ana Torrealba. O local ficou fechado por aproximadamente 5 anos, após a ONG encerrar suas atividades. Posteriormente, Letícia Fonseca e Ana Alice de Oliveira fundam o projeto Linha de Minas,⁵ em 2018, para ocupar aquele mesmo espaço. Ali, começaram a ser desenvolvidas diversas atividades junto à comunidade como a formação de um coral, o projeto Pôr do Sol, com apresentação dos músicos da região, e a construção de uma biblioteca pública. Foi diante deste cenário efervescente que a casa foi batizada como Casa do Sol. Hoje, o projeto Linhas de Minas e a Casa do Sol são empreendimentos independentes. Porém, a fundadora do projeto, Letícia Fonseca, que é moradora da localidade, teve aprovado em 2023, por meio da Lei Paulo Gustavo,⁶ um projeto do CineClube, que funciona neste espaço com exibições públicas e gratuitas de filmes a cada 15 dias. O projeto teve início em março de 2024 e vai funcionar até dezembro deste mesmo ano.

Em 2018, ocorreu a I Mostra de Cinema de Ibitipoca. Posteriormente, em 2021, aconteceu a segunda edição do evento na versão online, durante a pandemia da Covid-19. Dentro da programação, em 2018, foi pensada uma Mostra Itinerante que percorreu os distritos de São José dos Lopes, Bias Fortes e o município de Lima Duarte. Além da exibição de filmes para as comunidades, foram realizadas oficinas de formação em audiovisual para crianças e adolescentes em Bias Fortes e São José dos Lopes, durante a primeira edição.



Figura 2. Imagem aérea de São José dos Lopes.
Fonte: Acervo pessoal.

5. O Linha de Minas é uma Associação de artesãos na Comunidade de São José dos Lopes que conta com mais de 25 colaboradores diretos.

6. A Lei Paulo Gustavo foi instituída pela Lei Complementar nº 195/2022, e sua execução foi regulamentada e ajustada em 18/12/2023, pela Lei Complementar nº 202 para garantir a distribuição eficiente dos recursos e a execução de projetos em todo o território nacional, até 31/12/2024”. (Secretaria de Comunicação Social, 2024).

Outra iniciativa que ocorreu, mais recentemente, no setor do audiovisual, foi o projeto Ponto de Memória Vozes da Serra Grande. Este é um coletivo que busca valorizar patrimônio cultural, memórias e tradições das comunidades da região da Serra Grande (atual Serra de Ibitipoca) através de documentários, registros audiovisuais, eventos e ações educativas como o projeto “Desvendando a Serra Grande”, que permitiu capacitar jovens para realizar seus próprios documentários. A iniciativa de formação audiovisual para jovens Desvendando a Serra Grande foi financiada por meio do edital “Exibe Minas”, do Fundo de Cultura do Governo de Minas Gerais, e executado entre os meses de janeiro e abril de 2023.

O projeto capacitou duas turmas de jovens dos distritos de São José dos Lopes, Laranjeiras, Conceição de Ibitipoca e Rancharia. Foram produzidos sete curtas-metragens documentais sobre a região do entorno da Serra de Ibitipoca (disponíveis no canal de Youtube Vozes da Serra Grande). Depois do curso, como contrapartida, foi realizada uma mostra itinerante dos produtos audiovisuais produzidos nos distritos que participaram: Rancharia, Conceição de Ibitipoca, Laranjeira, São José dos Lopes. Vários documentários — frutos das oficinas — participaram de festivais, como o curta Rancharia, selecionado no festival Primeiro Plano; Jatão, buzão, caixote, baú, caquinho selecionado, para o Mobifilm, além do Festival de curtas de Campos Jordão; A lenda do cavaleiro da meia noite e outras histórias, vencedor do prêmio de melhor documentário de até sete minutos no Festival de São Bernardo.

A partir desta breve rememoração dos eventos que envolveram a produção audiovisual (fosse nas exibições de filmes, em oficinas de formação e/ou atividades similares) observamos como os vilarejos de São José dos Lopes e Mogol estão frequentemente envolvidos com atividades públicas e gratuitas de cinema. Desse modo, destacamos, por meio destas iniciativas, como o cinema tem sido utilizado nessas comunidades não só para o entretenimento e diversão de seus moradores, mas também para outras finalidades como vínculo local, construção da memória local, educação e socialização dos membros das localidades.

ENTREVISTAS

Para realizar a coleta de informações para esta pesquisa, foram realizadas entrevistas nos formatos online e presencial com moradores que são frequentadores das exibições de cinema nas comunidades de São José dos Lopes e Mogol e produtores culturais da região. As entrevistas presenciais em São José dos Lopes foram realizadas

no dia 19 de abril de 2024, já as entrevistas no Mogol no dia 27 de abril de 2024. No formato online foram realizadas entrevistas utilizando os aplicativos Zoom e WhatsApp, ao longo dos meses de abril e maio de 2024.

Em Lopes, foram realizadas quatro entrevistas presenciais. As entrevistas foram pré-agendadas por telefone e aconteceram na Casa do Sol. A indicação de pessoas que participaram de eventos relacionados ao cinema veio de Letícia Fonseca — moradora dos Lopes e envolvida em diversas atividades artísticas e culturais na região — e dos próprios entrevistados. Em Mogol, os depoimentos foram recolhidos também presencialmente. A princípio, foi indicada uma primeira pessoa da comunidade por Maíra Delgado — colaboradora do Ibiti Projeto e produtora cultural na região —, que depois sugeriu outros dois nomes para serem entrevistados. As conversas foram agendadas previamente por contato via WhatsApp.

Apesar do conhecimento sobre as iniciativas em relação ao audiovisual e o próprio envolvimento de um dos autores deste artigo com algumas iniciativas audiovisuais na região da Serra de Ibitipoca, o processo de coleta de informações e de localização de possíveis pessoas para entrevistar foi realizado enfrentando certa dificuldade. Não havia nenhum (ou quase nenhum) registro formal sobre os eventos que envolvem o audiovisual e o cinema na região. Algumas iniciativas mencionadas possuem perfis públicos no Instagram, mas a rede social serve apenas como ambiente para divulgação das exposições, não indo além desse tipo de conteúdo. Isso dificulta e quase impossibilita uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto a partir do recorte geográfico, uma vez que temos que lançar mão do contato direto com as pessoas que estiveram envolvidas no processo de execução das iniciativas para conseguir informações sobre nome e número de participantes, datas, formato dos eventos, sugestão de moradores que pudessemos abordar, confirmação das atividades etc. Esta dificuldade para organizar e coletar as informações sobre as iniciativas foi um importante marco no processo de coleta de dados para a pesquisa, pois fez com que o processo fosse longo e dependesse da resposta das pessoas para prosseguir. Algumas pessoas com quem tentamos contato não responderam ou enviaram uma primeira resposta e depois não retornaram, acreditamos que por exercerem outras atividades laborais, timidez, ou falta de interesse em falar sobre sua experiência concedendo a entrevista.

As entrevistas presenciais em São José dos Lopes foram realizadas com Kauã da Silva Assis (18 anos, estudante), Dheobrânio Ribeiro (17 anos, estudante), Adaauto José Moreira (15 anos, estudante) e Maria do Carmo conhecida como Dona Beá (64 anos, aposentada). No Mogol, Isabel Augusta (71 anos, aposentada), Luvecino Fábio Oliveira (43 anos, trabalhador agrônomo) e Rafael Ribeiro (36 anos, marceneiro). Em formato online foram ouvidas Letícia Fonseca, fundadora do Linhas de Minas e moradora de São José dos Lopes, Céline Billard

diretora, fotógrafa e produtora cultural e Maíra Delgado, moradora de Lima Duarte, colaboradora do Ibiti Projeto e produtora cultural na região.

Para a realização das entrevistas, foi elaborado, em conjunto pelos autores, um pré-roteiro com questões que deveriam ser realizadas a todos os depoentes. As coletas de depoimentos não visavam ser formais e fechadas nas perguntas do roteiro, até mesmo pelos locais onde foram realizadas e por estarem sendo acompanhadas por outras pessoas. Os registros realizados em São José dos Lopes foram feitos na sede da Casa do Sol, já na comunidade do Mogol, aconteceram na casa dos moradores ouvidos. Buscou-se dar liberdade aos entrevistados para relembrar histórias e acontecimentos relacionados às suas experiências com cinema, além de permitir que a partir das respostas, fossem elaboradas novas perguntas no momento da entrevista, a fim de deixá-los à vontade para falarem sobre os temas propostos e narrarem outras experiências relevantes.

DA TECNOLOGIA AO SOCIAL: EXPERIÊNCIAS COM CINEMA EM LOPES E MOGOL

Diante do cenário contemporâneo das múltiplas telas e do sucesso dos conteúdos *on demand* cada vez mais personalizados e direcionados ao perfil do usuário, chamou-nos a atenção que, ainda em 2024, a exibição de filmes em sessões públicas e gratuitas realizadas nas comunidades de Lopes e Mogol, distritos da cidade de Lima Duarte, remetam a outras circunstâncias e significados no processo de consumo de audiovisual, atualmente. Os entrevistados mais jovens, conhecem e mencionam plataformas de streaming e o consumo de vídeos pelas redes sociais, principalmente pelo YouTube. Porém, ao mesmo tempo, mencionam dificuldades para ter acesso a internet, por exemplo. Na Casa do Sol existe rede Wi-Fi gratuita e, por isso, também o espaço se tornou um local de onde eles conseguem acessar aplicativos e assistir vídeos pelo celular. Ou seja, no Lopes ainda há uma falta de acesso tanto aos dispositivos (computadores, *Smart TV*, *smartphones*), quanto ao acesso gratuito e ilimitado à internet. Por esse diagnóstico, entendemos que estes locais estão, hoje, atraindo iniciativas que busquem tanto a formação de público quanto a sua capacitação (através de cursos e oficinas) para gerar autonomia na realização de produções audiovisuais originais e fortalecimento do registro das memórias nessas regiões.

As entrevistas de Dheobrânio, Kauã, Adauto e Dona Beá fazem referência ao processo da coletividade, do encontro e do compartilhamento de sentimentos e sensações ao longo da exibição dos filmes, quando feita em grupo.

Dona Beá revela que gosta de assistir novelas na televisão, mas que seu marido prefere ouvir música, então, ela o faz geralmente sozinha. Ela menciona e relaciona a televisão ao ato de assistir sozinha aos conteúdos, dando uma certa impressão de solidão. Em contraponto, Dona Beá ressalta o divertimento e os bons momentos compartilhados nas sessões de cinema da comunidade com as amigas, revela gostar de filmes de comédia e não apreciar os de terror. Algumas vezes, durante a sua entrevista, ela menciona os filmes de Sylvester Stallone, que diz ter visto na televisão. A idosa também fala sobre outros elementos que acompanham a exibição, como a pipoca que é distribuída nas sessões. Dona Beá envolve-se também em outras atividades culturais, mostrando-se ativa e interessada nas propostas oferecidas para a comunidade. Já participou de peças de teatro produzidas no Lopes, e já foi entrevistada para projetos filmados na região.

Dheobrânio, Kauã e Adauto têm suas primeiras lembranças das exibições de filmes no Lopes que aconteceram em uma casa — que apuramos ter sido a sede da ONG Arte e vida, quando esta ainda estava ativa na região. Os três mencionam que suas primeiras lembranças relacionadas ao audiovisual se deram neste espaço, mas não conseguem rememorar a data em que isso ocorreu. Adauto relembra que sua mãe o levava nessas exibições e ele diz que gostaria de assistir novamente ao filme *Turbo* (2013), exibido em uma delas. Dheobrânio diz que quando era criança não tinha televisão na casa onde ele morava, só havia TV na casa de sua avó. Ele se recorda das sessões na ONG Arte e Vida, aos finais de semana. O filme que marcou a sua vida foi *Avatar* (2009), que ele assistiu quando tinha entre seis e sete anos. Dheobrânio ressalta como as imagens pareciam reais, como isso o impressionou na época e gera boas recordações das primeiras experiências com o cinema. Ele destaca que

Ver [filmes] na TV e ver no telão é muito diferente. No Auto da Compadecida eu vi isso: todo mundo rindo, junta todo mundo, é muito diferente em casa ver com pai e mãe. A principal diferença é que parece que você está no filme, em casa, não, fica todo mundo pequenininho. No telão você comenta com um amigo [...] (Ribeiro, 2024).

Kauã rememora sua experiência com a exibição de filmes também na ONG Arte e Vida. “Antigamente tinha um cinema em outra casa, todo fim de semana tinha filme e pipoca. Era uma coisa que reunia a comunidade, era legal. O local era usado para festas, bingo. Tinha projetor, telão, uma casa simples, mas o cinema funcionava bem” (Assis, 2024).

Kauã está envolvido, junto com Letícia Fonseca, nas exibições que estão ocorrendo atualmente a cada quinze dias na Casa do Sol, através de projeto aprovado na Lei Paulo Gustavo, em 2023, como já mencionamos. Kauã explica o funcionamento do processo desde a escolha até a exibição dos filmes: ele discute com Letícia o que será exibido,

se atentando sempre para os pedidos da comunidade e para filmes que tenham acessibilidade. Já foram exibidos nas sessões deste projeto na Casa do Sol: *O Auto da Compadecida* (2000), *Kung Fu Panda* (2008), *Shrek* (2001) e *A paixão de Cristo* (2004). As sessões são bastante heterogêneas, pois o público é composto de crianças, jovens e idosos. Kauã é o responsável pela organização da Casa do Sol no dia desses eventos: coloca os bancos, monta o projetor, faz a pipoca e separa o refrigerante. Por volta das 18h, a sessão começa. Kauã diz que o público participante envolve uma média de 20 pessoas, e é exibido apenas um filme por sessão, pois depois há outras atividades para a comunidade. A divulgação das sessões é feita por meio de cartazes e, principalmente, pelo grupo de WhatsApp da comunidade — é por este canal que a maioria deles relata ficar sabendo deste e de outros eventos culturais na região.

Dheobrânio diz que sempre que pode vai às exhibições do cineclube: “eu sempre dou um jeito de vir para não acabar, porque se não vier ninguém acaba tudo de novo. O cinema aqui pra mim foi muito bacana porque ao invés de ficar na rua eu me divertia com os amigos vendo os filmes no telão” (Ribeiro, 2024).

O povoado de Mogol também recebeu iniciativas voltadas à promoção do turismo, por parte do Ibiti Projeto, que incluem exhibições mensais de filmes escolhidos pela comunidade. Durante o ano de 2023, a sala de cinema Cine Mazzaropi organizava sessões regularmente de forma gratuita e franca aos habitantes da vila e adjacências. Para alguns, reencontro com a ida ao cinema, para outros, a primeira vivência da experiência.

Depoimentos recolhidos nessa localidade mostraram semelhanças àqueles obtidos em Lopes, principalmente no que tange à diferença da experiência de se assistir conteúdo audiovisual em casa e fora dela. “É muito diferente. Mais animado. A gente continuava um pouco lá depois do filme, batia um papo, ia para botecos. Era bom para reunir o pessoal.” (Oliveira, 2024). Luvecino Fábio de Oliveira, natural de Mogol, mora em uma pequena fazenda, localizada a quatro quilômetros do povoado, mas percorria essa pequena distância nas noites de exibição. “Eu nunca tinha entrado nesse negócio (cinema). Em casa é muito difícil assistir filmes, eu não tinha costume. Conheci uns filmes bons do Mazzaropi, que me marcaram bastante.” (Oliveira, 2024). Nota-se que o consumo fílmico é indissociável da experiência social. Na perspectiva de Oliveira, assistir à peça audiovisual e encontrar conhecidos, reunidos pela ocasião, faziam parte da mesma experiência.

Rafael Ribeiro, também nascido na comunidade e vivendo seu primeiro contato com salas de cinema, destacou o impacto visual do espaço. “Era uma sala como as que a gente vê nos próprios filmes. Tela grande e várias cadeiras.” (Ribeiro, 2024). Argumentamos que esse depoimento já diverge, logo nas impressões iniciais do espectador,

sobre as experiências de ir ao cinema ou consumir filmes em casa. A reação visual ao ambiente destaca que já há outros fatores envolvidos que não somente presenciar o desenrolar de um longa-metragem. Ademais, o relato de Ribeiro menciona a interação social entre as pessoas durante a exibição dos filmes. “Foi bastante gratificante ver todo aquele pessoal alegre. Eu trabalho no espaço, então já estava acostumado a ir lá, mas foi muito bom ver o pessoal conhecendo. As pessoas em harmonia, rindo juntas do filme.” (Ribeiro, 2024).

Os depoimentos de Rafael e Luvecino possuem algumas similaridades, como representantes de uma geração mais jovem, que nasceu em uma época em que já não existiam salas de cinema perto de suas casas, dificultando o acesso à essa experiência.

Em contrapartida, Isabel Augusta, de 71 anos, se lembra do espaço de exibição que existia em Lima Duarte, cidade que engloba Mogol. “Muitos anos atrás eu fui ao cinema que existia em Lima Duarte, mas acabou tem tempo. Aí não tinha mais como eu ir” (Augusta, 2024). A extinção das salas de cinema de rua em municípios menores e seus motivos não é o foco da discussão neste trabalho, mas consideramos válido mencionar que a facilidade atual do consumo caseiro de conteúdo audiovisual, potencializado pelo acesso à internet de qualidade, mesmo em regiões rurais, é um fator possível para a falta desses locais, mesmo que a experiência seja distinta, como menciona Isabel.

Aqui a gente tem internet agora, pode assistir na Netflix. Mas é diferente, acabo vendo coisas sozinha, às vezes dá até sono. Nesses dias de cinema a gente encontra as pessoas, tem contato com elas, conversa, dá risada, às vezes acha alguma coisa engraçada. É bom, é importante ter alguma coisa para o povo assistir (Augusta, 2024).

A aposentada menciona, também, que a sociabilidade que a iniciativa trouxe também sobressai às ocasiões dos encontros. “Antes os filmes eram ‘surpresa’, o povo não sabia o que ia passar. Mas agora a gente tem um grupo no WhatsApp, e conversa lá, sugere filmes, vota em qual que vai ser. Mesmo quando eu não vou, fico sabendo” (Augusta, 2024). Assim, entendemos que a experiência social dividida pelas pessoas que mantêm o hábito de ir às exibições gera uma cultura coletiva de interação entre esses indivíduos, motivada pela possibilidade de um compromisso fixo agradável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os depoimentos coletados durante esta pesquisa ressaltam a relevância da história oral como metodologia de pesquisa, dando visibilidade a lembranças pessoais que nos ajudam a estudar e entender o fenômeno da “ida ao cinema” – uma das propostas centrais deste artigo. Pudemos observar nestes dois pequenos distritos a importância de atividades cinematográficas para a sociabilidade dentro das comunidades. Apesar de terem sido promovidas por diferentes iniciativas — percebemos em Lopes atividades realizadas por moradores ou agentes culturais a partir de leis de incentivo à cultura. Já no distrito de Mogol as iniciativas foram realizadas a partir de exibições organizadas pelo Ibiti Projeto. Destaca-se a relevância de projetos de formação em técnicas audiovisuais e das exibições de filmes em sessões públicas no interior para que o audiovisual sirva como ferramenta para registro dessas localidades e histórias por seus próprios moradores, além de fortalecer os laços entre moradores de diferentes gerações.

A partir das falas, reflexões, rememorações de nossos entrevistados pudemos compreender a evolução dos eventos relativos à exibição de filmes nos dois vilarejos que estudamos, além das experiências da própria comunidade com essas exibições. A importância do compartilhamento de reações e impressões dos filmes com os demais, as sessões como justificativa para encontrar amigos e familiares, as discussões e comentários provocados pelos filmes, além das memórias individuais e coletivas criadas a partir destes encontros são aspectos que foram narrados por nossos entrevistados e corroboram com a ideia de que a experiência de ida ao cinema é mais ampla do que apenas o consumo fílmico.

As entrevistas foram realizadas com pessoas de diferentes faixas etárias e de diferentes povoados, abordando sobretudo a relação dessas pessoas com as sessões de cinema organizadas em locais públicos e de forma gratuita por diversas iniciativas. Cada fala evoca, como explicitado em seções anteriores, memórias individuais — observadas nas impressões diferentes sobre os filmes, as divergências sobre qual trecho de cada filme tocou cada indivíduo e opiniões únicas sobre o que significa ir ao cinema, como memórias coletivas, percebida na partilha de impressões que tangem a diferença entre assistir a um filme em casa e em uma exibição coletiva. Entrevistados mais jovens dividem a descoberta de uma nova experiência, ao participar de uma exibição pública, emblemática visualmente em várias cadeiras e uma tela grande, enquanto os mais velhos associam essa nova experiência com memórias de frequentar outras salas no passado. Além disso, representantes de uma faixa etária mais nova logo ligam o consumo de filmes a novas mídias, como o celular, enquanto os mais idosos associam esse ato mais comumente à TV.

O denominador comum de todas as entrevistas destaca a sociabilidade envolvida na “Ida ao Cinema”, uma experiência que se incorpora no dia a dia de uma comunidade e forma memórias individuais e coletivas com pessoas que partilham esse ato. Argumentamos que a gama de fatores sociais que se atrela ao consumo fílmico fora de casa, é uma das peças-chave que diferencia totalmente essa experiência do consumo caseiro de audiovisual. Essa divergência justifica iniciativas que procuram trazer de volta as exibições coletivas e criar espaços de exibição visando criar espaços de convivência, construção de identidades e memórias para essas pessoas no âmbito individual e coletivo.

Além disso, outra discussão para a qual este trabalho aponta e que pode ser aprofundada em outros estudos é uma possível justificativa à resiliência das exibições cinematográficas que ainda são procuradas pelas pessoas, mesmo com a oferta de novos meios de se consumir filmes em casa, que se mostram acessíveis e eficientes. É possível que uma vontade inata de se experimentar algo diferente e de interagir com o outro possa gerar interesse suficiente no cinema fora de casa para manter essa experiência viva, mesmo diante das novas tecnologias e novos hábitos de consumo de produções audiovisuais. Acreditamos que a experiência da ida ao cinema somente poderá ser esquecida quando uma nova geração não mais puder ter contato com locais de exibição. Hoje tais espaços vêm se tornando cada vez mais raros. Portanto, iniciativas como as descritas neste trabalho, se mostram importantes para apresentar a *Ida ao Cinema* aos mais jovens.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ASSIS, Kauã. Entrevista concedida aos autores em 19 de abril de 2024.
- AUGUSTA, Isabel. Entrevista concedida aos autores em 27 de abril de 2024.
- BILLARD, Céline. Entrevista concedida aos autores em 21 de maio de 2024.
- BRUM, Alessandra. Os Guardiões da memória: uma reflexão sobre a pesquisa em arquivo no projeto Minas é Cinema. In: BRUM, Alessandra; BRANDÃO, Ryan (orgs.). *Histórias de cinemas de rua de Minas Gerais*. 1. ed. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2021. volume 1, p. 141-148.
- CARMO, Maria do. Entrevista concedida aos autores em 19 de abril de 2024.
- CORBETT, Kevin. "Empty Seats: The Missing History of Movie-Watching". *Journal of Film and Video*, University of Illinois Press, v. 50, 1998, p. 34-48.
- DELGADO, Maíra. Entrevista concedida aos autores em 20 de maio de 2024.
- FONSECA, Letícia. Entrevista concedida aos autores em 21 de maio de 2024.
- FERRAZ, Talitha. A memória da ida ao cinema e a mobilização das audiências no caso do Cine Belas Artes. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – COMPÓS, 26., 2017, São Paulo. Anais ... São Paulo: Compós; Faculdade Cásper Líbero, 2017. v. 26. p. 96-96.
- FERRAZ, Talitha. Narrativas Tecnostálgicas: memórias e legitimações cinematográficas em filmes sobre cinemas. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2024, Niterói, 33., Niterói. Anais ..., Niterói. Campinas: Compós, Galoá, 2024. v. 33. p. 1-18.
- FREIRE, Rafael de Luna. O cinema no Rio de Janeiro (1914-1929). In: RAMOS, Fernão Pessoa; SCHVARZMAN, Sheila (orgs.). *Nova história do cinema brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Sesc, 2018. Volume 1, p. 252-293.
- FREIRE, Rafael de Luna. Salas de cinema, ontem e hoje. *Tabu*, Rio de Janeiro, 01 out. 2015, p. 12-15.
- IBITI. Somos Ibiti. Disponível em: <https://ibiti.com>. Acesso em: 15 de maio de 2024
- MALTBY, Richard. *Explorations in New Cinema History: Approaches and Case Studies*. Hoboken, New Jersey: Blackwell Publishing, 2011.
- MOREIRA, Adauto José. Entrevista concedida aos autores em 19 de abril de 2024.
- OLIVEIRA, Luvecino Fábio. Entrevista concedida aos autores em 27 de abril de 2024.
- POLLAK, Michael. "Memória e Identidade Social". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- RIBEIRO, Dheobrânio. Entrevista concedida aos autores em 19 de abril de 2024.
- RIBEIRO, Rafael. Entrevista concedida aos autores em 27 de abril de 2024.
- SOUZA, José Inácio de Melo. "O cinema na cidade: algumas reflexões sobre a história da exibição no Brasil". *Mnemocine*, 05 de agosto de 2013.
- THISSEN, Judith. Cinema history as social history: retrospect and prospect. In: BILTEREYST, Daniel (org.). *The Routledge Companion to New Cinema History*. New York: Routledge, 2019.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIJVER, Lies Van de. Why young people still go to the movies: historical and contemporary cinemagoing audiences in Belgium. In: BILTE-REYST, Daniel (org.). *The Routledge Companion to New Cinema History*. New York: Routledge. 2019.

DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os autores confirmam que os dados que apoiam os resultados deste estudo estão disponíveis no artigo.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse.

EDITOR(A)(ES) RESPONSÁVEL(IS)

Rafael Romão Silva

Tainá Xavier

ASSISTENTE EDITORIAL

Pedro Pone

Renata Masini Hein

DADOS EDITORIAIS

Recebido em 15/04/2025

Aprovado em 01/02/2026



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença **Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CCBY)**.

Os autores retêm todos os direitos autorais, transferindo para a Revista *A Barca* o direito de realizar a publicação original e mantê-la sempre atualizada.